Lembranças de um homem bom (José Oswaldo de Araújo)

J. C. Alencar Araripe

Reunimo-nos no Instituto do Ceará, em sessão solene, para momentos de relembranças, saudade e reverência. Transcorre nesta data o centenário de nascimento de José Oswaldo de Araújo, prestimoso servidor desta Casa durante anos e, depois, integrante, com merecimento, do seu quadro de sócios efetivos.

Duas personalidades avantajam-se nessa singularidade ao longo dos 107 anos do Instituto do Ceará: Oswaldo Araújo e Maria da Conceição Sousa, ele, diligente Secretário Executivo, ela, a infatigável operária na messe da Biblioteconomia. Ambos ligados pela paixão de servir, cada um com atuação de realce em campos distintos.

Oswaldo Araújo veio para a Casa do Barão por iniciativa do sábio Tomas Pompeu Sobrinho, com quem trabalhara no Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará. O Presidente Carlos Studart Filho conservou-o no cargo e tomou-se de afeição por ele. Do apreço que lhe devotava é prova eloqüente a comovida oração que proferiu sobre o seu falecimento, em sessão no Instituto a 20 de novembro de 1975.

Desfrutei da amizade de Oswaldo Araújo e dele me socorri, inúmeras vezes, no exercício do jornalismo. De modo particular, consultei os arquivos que possuía de recortes da imprensa quando me lancei à tarefa de escrever o livro sobre Delmiro Gouveia, o pioneiro de Paulo Afonso.

Delmiro não tivera ainda biógrafos. Muitos exaltaram-no. Ninguém, entretanto, se debruçara sobre a sua vida e a sua obra para a reconstituição histórica que se impunha. Às vésperas do seu centenário de nascimento, que decorreu em 1963, ainda havia equívocos quanto à data, ao ano e ao lugar em que nascera.

Para Oswaldo Araújo, porém, não pairavam dúvidas com relação à terra natal de Delmiro: era o Ipu. Pesquisador beneditino de tudo que se escrevia sobre a cidade da Bica e o município de que era sede e cabeça, já em julho de 1951, em carta dirigida a *O Povo*, pronunciava-se peremptoriamente nesse particular. Louvava-se em depoimento que ouvira de parente próximo de Delmiro. Era uma

convicção que se firmara, por igual, em vista do que reunira de recortes de jornais e revistas, pois guardava com carinho tudo que se publicava sobre Ipu e os que viram a luz do dia naqueles acolhedores rincões, que me enlevaram também, em quadra já distante, a mocidade despedia-se num arrebol de sonhos e fantasias. Colocando-me à mão tudo o de que dispunha e conservava em pastas diversas, deu-me valiosa contribuição, no esforço desenvolvido na colheita de informes e roteiros, como salientei, aliás, no livro *A glória de um pioneiro*.

Não imaginava, nas horas em que com ele convivi, na sua residência da rua Pedro Pereira, 169, onde recebia com fidalguia, ou em locais outros, a que nos levavam interesses recíprocos, que me caberia, no Instituto do Ceará, ocupar a cadeira que lhe pertencera e fazer-lhe o elogio de praxe, encargo de que me desincumbi com a linguagem do coração.

Na sucessão de Oswaldo Araújo no Instituto do Ceará uma coincidência que assinalei: o jornalismo estabelecia uma ponte entre o querido consócio que se foi e o que o substituiu por contingências que escapam ao controle do homem mortal.

A vida proporcionou-me a incursão por atividades outras, como a política, a administração e o magistério, mas o jornalismo, em caráter profissional, não tivera, até então, alternâncias. Oswaldo Araújo palmilhou, por igual, caminhos vários. Foi comerciante, como o pai, presidente e diretor de associações de classe e entidades sociais, vereador e Presidente da Câmara Municipal do Ipu, inspetor de companhia de seguros, burocrata do serviço público. O jornalismo acompanhou-o, porém, sem intermitência, em termos amadorísticos, e de maneira singular.

Jovem ainda, passara a colaborar em jornais do Ipu, de Camocim e Sobral e editava boletins informativos. Posteriormente, ao fixar residência em Fortaleza, com assiduidade freqüentava as páginas dos principais diários da cidade e escrevia para revistas desta como de outras províncias.

A partir de 1964, passou a publicar, anualmente, sob o título "Imprensa do passado", "uma resenha dos periódicos que, no Ceará, estariam marcando cem anos de fundação e outra dos que completariam igualmente cinqüenta anos."

É de sua autoria esta observação: "Verdade que as publicações anteriores do Barão de Studart, de Perdigão de Oliveira e de Eusébio de Sousa enfocam a quase totalidade dos elementos componentes das referidas resenhas. A elas, entretanto, tenho condições de aditar

mais alguns periódicos obviamente omitidos. É natural que àqueles insignes garimpeiros da nossa história jornalística fugisse a possibilidade de apresentarem relações completas. Os precários meios de comunicação de outrora justificam tais omissões, das quais também não me livro."

Para um pesquisador, como ele, o Ceará oferecia campo propício. Foi das primeiras províncias a conhecerem a imprensa. Antecipou-se a Goiás, Santa Catarina, Espírito Santo, Sergipe, Paraná, Amazonas, Rio Grande do Norte e Alagoas. O Ceará antecipou-se até mesmo às províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo, onde as primeiras folhas impressas são de 1827, como testemunha o escritor Nélson Werneck Sodré, em "História da Imprensa no Brasil".

Leia-se "A Imprensa do Ceará na Monarquia", de Demócrito Rocha, e "A Imprensa do Ceará na República", de Geraldo da Silva Nobre, ambos estampados em "O Ceará", 2ª e 3ª edições, respectivamente, e a conclusão a que chegará, quem assim o fizer, é a de que dificilmente outra unidade apresenta, como a nossa, estabelecidas as devidas proporções, igual florescência no tocante à publicação de periódicos.

É a fatalidade da proliferação de jornais; que não se evidenciou apenas entre nós, porque é nacional, e que continuou até hoje, como acentua Juarez Brasil, no seu livro "Jornal, História e Técnica". Com desvantagens que em outros países não se fizeram sentir e que concorreram para que o Brasil tenha uma "imprensa maior que a capacidade aquisitiva do mercado de leitores".

Até parece que se pretendeu, com a quantidade, compensar o longo período de três séculos em que a metrópole portuguesa e o domínio holandês nos privaram dos benefícios da invenção de Gutemberg, colocando-nos, com relação ao uso do prelo, em posição de inferioridade no confronto com outras nações da América.

O Diário do Governo do Ceará foi o primeiro jornal impresso em Fortaleza, a 1º de abril de 1824. Desse ano até fins de 1839, mais 15. Na década de 1840 a 1849, apareceram 23; de 1850 a 1859, 21; de 1860 a 1869, nada menos de 116, número que se repetiu no decênio seguinte; de 1880 a 1889, a safra foi maior ainda: nada menos de 175. Na República, continuou o surto publicitário, registrando-se um certo declínio a partir de 1920.

A grande maioria dos periódicos teve vida efêmera. Alguns não foram além do primeiro número. Seja como for, atestavam uma poderosa elaboração mental, que se manifestava por esse meio e por via de pujantes sociedades literárias.

Entre os jornais que não passaram do primeiro número, merece destacado o "Barreto Phrygio", de Júlio César da Fonseca, editado em Aracati. Jornalzinho republicano extremamente agressivo, até na cor em que foi impresso – o vermelho, estampou o hino revolucionário, que tinha por estribilho: "Quebre-se o cetro do rei/rasgue-se o manto real". A polícia apreendeu-o e não voltou a circular.

Oswaldo Araújo ganhou expressão nacional com a coleção de periódicos que organizou e que se constituiu, depois da família e do Ipu, na sua grande obsessão. Uma preciosidade histórica, de cuja importância nem sempre nos apercebemos.

Começou-a em 1910, quando tinha 16 anos, e conservou-a pelo tempo afora, até o último alento. "Como quase todo adolescente disse ele – gostava de colecionar cousas e deu-me na telha coligir jornais. Coincidentemente, ao iniciar a minha pacífica mania, encontrei entre os jornais velhos de meu pai três exemplares de primeiras edições. Eis a gênese do meu *hobby*."

A coleção representou para Oswaldo Araújo motivo de encantamento espiritual. São suas estas palavras: "A concretização e continuidade deste propósito, inspirado num idealismo de finalidade meramente histórica e cultural, me tem trazido fortes compensações, expressas, sobretudo, por novas e honrosas amizades. São colaboradores espontâneos e generosos, inclusive pessoas desconhecidas, que, dos mais longínquos pontos do País, enviam exemplares preciosos para o enriquecimento da minha coleção de primeiro número de jornais e revistas do Brasil. São gestos de franca solidariedade humana, que me trazem a confortadora certeza de que nem tudo está perdido nesta época de ostensivo utilitarismo."

Por que a coleção de primeiros números? Primeiramente, leve-se em conta o que antes foi ressaltado: os jornais que surgiam como cogumelos, permitam-me a força de expressão, e que não iam além da edição inaugural. Outra circunstância, que valoriza a coleção, é que o primeiro número de um periódico, seja de cunho literário, religioso ou político, ostenta a orientação do órgão, desfralda a bandeira que se propõe defender, expõe objetivos e traça diretrizes a seguir. Espelha um momento de definição, é um grande ou mini-retrato de uma época, com sua problemática, seus anseios, suas frustrações. É um campo apetitoso para a pesquisa, a investigação e a análise sociológica.

O início foi modesto, nem haveria de ser o contrário. Três exemplares apenas, como registra Oswaldo Araújo. O colecionador, seja do que for, tem de forrar-se de qualidades sem as quais o insucesso é inevitável. Deve saber esperar, não pode desanimar diante dos fracassos episódicos.

Paciência e constância não faltaram ao saudável maníaco do Ipu. Amigos incumbiam-se de divulgar a iniciativa, depois, veio a alvorada da publicidade. Se as ofertas eram parcas, passaram a ser abundantes. Ao morrer, em 1975, a sua coleção tinha 7.250 primeiros números. E todo o seu trabalho sistematizado, um modelo de organização, com pastas de referência e catálogos, distribuídos por estantes e fichários de aço.

Que coleção de atraentes curiosidades! Lá estão o "Diário do Governo do Ceará", de 17 de abril de 1824, o ano da Confederação do Equador, que circulava duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos sábados, e que teve como redator o Padre Gonçalo Ignácio de Loiola Albuquerque e Mello Mororó, um dos mártires do movimento revolucionário que agitou o Nordeste; "O Pão", de 10 de julho de 1892, o primeiro jornal literário do Ceará, órgão da Padaria Espiritual; "Jogo dos Bichos", de 5 de setembro de 1897, com instruções e propaganda sobre o jogo-do-bicho; "Maracajá", de Fortaleza, de 7 de abril de 1929, folha modernista, dirigida por Antônio Garrido, pseudônimo de Paulo Sarasate, e Mário de Andrade; "Jornal de Princeza", de 21 de junho de 1930, órgão oficial do Território de Princeza, Governo de José Pereira; "Jornal das Trincheiras", de São Paulo, de 19 de agosto de 1932, porta-voz da Revolução Constitucionalista; "A Liberdade", de Natal, com data de 27 de novembro de 1935, órgão oficial do Governo Comunista instalado no Rio Grande do Norte e que teve a duração de três dias; "O Jornal", de Campos Sales, de 21 de agosto de 1949, e o "Diamante", de Milagres, de 19 de novembro de 1949, ambos escritos a mão e, com tão boa diagramação, que provocariam inveja a muitos periódicos de hoje. Jornal sem título, jornal com erro de revisão até no título, jornais estrangeiros impressos no Brasil, últimos números de jornais.

Coleção, como esta, haveria sempre de despertar inusitado interesse. Todas as vezes em que Oswaldo Araújo preparou exposições, para exibição dos exemplares mais raros, não lhe faltou público, muito menos escassearam expressões de louvor e estímulo ao seu labor e pertinácia.

Ainda agora, a Associação Cearense de Imprensa programa uma exposição dessa coleção, contando, para tanto, com o apoio da família de Oswaldo Araújo e dos Correios e Telégrafos, que em sua sede central dispõe de mostruário apropriado para promoção dessa natureza. É uma das maneiras de a nossa querida e tradicional ACI participar diretamente das celebrações do centenário de quem honrou os seus quadros sociais e ocupou, com proveitoso desempenho, a Diretoria da Hemeroteca.

Deixei por último uma referência ao que, para Oswaldo Araújo, era a primeira das obrigações: o zelo com que cuidou da sua descendência de dois venturosos casamentos, no que foi regiamente recompensado, cumprindo-se nele uma das sentenças do Eclesiástico, e o desprendimento com que assistia os parentes e amigos. Emocionante, nesse tocante, o testemunho de José Amaury de Araújo, em palavras proferidas no Instituto do Ceará no 10° aniversário da morte de seu genitor.

Extraio do depoimento citado um episódio curioso em que se viu envolvido o saudoso homenageado desta noite. Homem de profundas convicções católicas, por isso mesmo foi advertido de que a Igreja não aprovava o Rotary, a que se filiara e no qual se sentia muito bem, pelo lema desfraldado na organização – servir na comunidade, e pelas companhias que desfrutava, entre elas a do sempre lembrado Raimundo Girão. O seu afastamento provocou-lhe inevitável desencanto, sobretudo quando verificou que, na Igreja pós-conciliar, sacerdotes afluíam aos clubes, como o boníssimo Padre Amarílio Rodrigues, com quem tive a satisfação de conviver no Rotary Clube de Fortaleza, com almoços semanais no Palace Hotel.

Ao cruzar o pórtico do Instituto do Ceará, para integrar-me como sócio efetivo, evoquei que Pedro Nava, em "Baú de Ossos", ao referir-se ao seu avô, afirmara: "Sua grandeza, como se verá, vinha das qualidades – de que basta o homem ter uma para tornar-se merecedor da vida:- a retidão, a bondade, a inteligência."

O tempo confirmou-me o que proclamara naquela ocasião: Quem privou da intimidade de José Oswaldo de Araújo sabe que ele tinha não apenas uma dessas qualidades, mas soube reunir as três: foi reto, bondoso e inteligente. Creditou-se à vida como à lembrança amorável dos amigos.

(Oração proferida na sessão solene do Instituto do Ceará, realizada a 17 de março de 1994, comemorativa do centenário de nascimento de José Oswaldo de Araújo).

Referências bibliográficas

01 – ARAÚJO, José Amaury de, Em louvor de José Oswaldo de Araújo. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985. v. 99.

02 – ARAÚJO, Oswaldo. Imprensa do passado. In: *Revista do Instituto do Ceará*. 1974. v. 93.

03 – A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Eclesiástico – A Educação. Ed. Paulinas, 1973. 930 p.

04 – BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Liv. Martins, 1967.

05 – GIRÃO, Raimundo. Um grande ipuense útil ao Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*: Universidade Federal do Ceará, 1985. v. 99.

06 – NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Rio de Janeiro: Sabiá. 1972. 393 p.

07 – NOBRE, Geraldo. A Imprensa do Ceará na República. In: *O Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

08 – ROCHA, Demócrito. A Imprensa do Ceará na Monarquia. In: *O Ceará*. Fortaleza, Ed. Fortaleza, 1945.

09 – SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

10 – STUDART FILHO, Carlos. Discursos e conferências. Homenagem a José Oswaldo de Araújo. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1975. v. 94.